

## PROPOSTA DE FORMAÇÃO MORAL PARA A COMUNIDADE DE CORINTO SEGUNDO PAULO DE TARSO

Samantha Ellen Silva Souza<sup>1</sup>

José Joaquim Pereira Melo<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho justifica-se pelo interesse em estudar o fenômeno formativo no cristianismo primitivo por meio dos referenciais de Paulo de Tarso, particularmente as concepções homem e de sociedade que ele entendia como ideais. Nesse sentido, focalizam-se suas preocupações com o processo formativo da comunidade de Corinto. Os escritos do autor direcionados a essa comunidade, em especial a Primeira Carta aos Coríntios, orientam a compreensão de como ocorreu esse processo de formação. Deve-se considerar que esse escrito paulino foi elaborado com o objetivo de solucionar problemas específicos dessa comunidade, a qual passava por dissensões internas que contrariavam os ensinamentos cristãos, bem como visavam à formação de um novo modelo de homem que se pretendia para o cristianismo nascente.

**Palavras- Chave:** Paulo de Tarso. Formação pedagógica. Comunidade. Corinto.

**Abstract:** The present work is justified by the interest in studying the formative phenomenon in the primitive Christianity through Paul's Tarsus referential systems, particularly the conceptions about man and society that from his point of view were ideals. In this sense, his preoccupations are focused on the formative process of the Corinto community. The author's writing directed to this community, in special the First Letter to the Coríntio, guide the understanding of how the training process occurred. It is necessary to think that this paulino writing was prepared in order to solve specific problems of this community, that was passing by internal dissension that were contradicting the Christian teachings, as well as they were aiming for the formation of a man's new model that was claimed for the nascent Christianity.

**Keywords:** Paulo de Tarso, pedagogical training. Community. Corinto.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Possui Doutorado em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (1998) e Pós-Doutorado em História da Educação pela mesma instituição (2007). Atualmente, é professor associado da Universidade Estadual de Maringá.

## 1- INTRODUÇÃO

Paulo de Tarso, depois do que denominou sua restauração interior, ou seja, sua conversão, assumiu como missão evangélica levar o que compreendia como a “boa nova” para regiões além da Palestina nas inúmeras viagens que realizou. Destaca-se especialmente a viagem à cidade de Corinto, objeto deste estudo.

Na busca de entender como se formavam as comunidades paulinas, procurou-se compreender a necessidade de Paulo de Tarso em propiciar aos componentes dessa comunidade uma formação de cunho moral e ético, o que resultaria em uma formação “adequada” nos referenciais cristãos. Desse modo, espera-se responder à seguinte pergunta: ‘As comunidades alvos das ações de Paulo de Tarso se convertiam em locais de formação de novos cristãos; como isso ocorria?’.

Neste trabalho, aborda-se a intervenção de Paulo junto à Comunidade de Corinto. Pretende-se discutir a organização dessas comunidades e a metodologia adotada por Paulo de Tarso para formar os cristãos. Conforme Amaral e Melo (2013, p.135), “Para formar esse novo referencial de homem requeria-se uma nova concepção educacional, baseados em uma nova orientação ética”. Essas orientações fundamentaram uma proposta de formação e atuação em uma perspectiva de levar o homem cristão rumo à santificação.

Assim, mesmo em caráter informal, nesse espaço ocorreu uma ação pedagógica. A forma de Paulo de Tarso refletir acerca do comportamento humano ainda encontra reflexo na sociedade contemporânea no âmbito da formação do homem atual, no sentido de moralização, seja no magistério da igreja ou na herança cultural hebraico-cristã da sociedade ocidental.

Nesse processo de pensar a formação do homem cristão, destaca-se a preocupação de Paulo de Tarso em utilizar o amor de Cristo para coibir e/ou amenizar os conflitos entre diferentes grupos na comunidade cristã. Nessa direção, a análise da Primeira Carta aos Coríntios possibilita o acompanhamento dos escritos paulinos, seus ensinamentos, em diversos momentos. Nessa Carta, a intenção formativa está evidente, em particular no que se refere à unidade entre os coríntios.

O livro dos Atos dos Apóstolos também é importante ao se considerar que Lucas, em seus escritos, versa sobre aspectos descritivos da vida de Paulo de

Tarso, sua origem, as influências que das missões por ele realizadas assim como os acontecimentos históricos da época. Acredita-se que essas fontes acrescentam-se à bibliografia apresentada, conforme constam nas referências, porque possibilitam a reflexão e compreensão do contexto abarcado no tocante à proposta formativa para a comunidade de Coríntios.

## **2- O CONTEXTO HISTÓRICO VIVENCIADO POR PAULO DE TARSO**

Paulo de Tarso é considerado um dos maiores evangelizadores de todo o cristianismo primitivo. Sua obra compõe grande parte do Novo Testamento, ao todo treze epístolas, nas quais buscava solucionar vários problemas com os quais se deparava nas comunidades. Esse homem exercia e ainda exerce notória influência no cristianismo, pois criou igrejas e liderou grande massa populacional com a finalidade de cristianizar, principalmente os não judeus, também conhecidos como pagãos (LOPES,2009).

Nasceu por volta do ano I d.C., conhecido ainda como Saulo, em sua cidade natal, Tarso, localizada na região sul, na costa do mediterrâneo. Quando Paulo residia em Tarso, a cidade era considerada uma das importantes e estratégicas de Cilícia (conhecida atualmente como província de Mersin), contando com aproximadamente quinhentos mil habitantes. O ensino ali praticado servia como exemplo a outras cidades; o comércio era próspero; e a agricultura era rica e fértil. Ser cidadão era sinônimo de respeito/prestígio, visto que a cidade era econômica, administrativa e culturalmente reconhecida (GONÇALVES, 2007).

No livro Atos dos Apóstolos consta que Paulo de Tarso tinha dupla cidadania: “Tendo-o ligado com correias, disse Paulo ao centurião, que estava presente: É-vos permitido açoitar um cidadão romano, que nem mesmo foi condenado? [...]” (At 22.25). A esse respeito, Murphy-O`Connor (2009, p. 26) assinala:

A grande importância dada a Tarso pelos romanos é confirmada pela concessão da cidadania romana aos principais líderes da cidade. Com o tempo essas famílias cresceram e passaram a ser uma significativa porcentagem da população de Tarso. Essa é a explicação mais simples para a cidadania romana que Paulo teve por hereditariedade (At 22,27-28) Os pais de Paulo [...] teriam recebido legalmente essa cidadania.

Desse modo, pode-se considerar que Paulo de Tarso pertencia a setor privilegiado da sociedade. Seu nome, Saulo ou Saul, é de origem hebraica/judaica, que significa “pedido”. Paulo era seu nome romano, que tem o significado de “pequeno”. Nesse âmbito, Pena (2012, p. 33) aponta que: “O estatuto de cidadão romano era um privilégio apenas concedido a uma elite de quatro ou cinco milhões de romanos”. Naquela época, um cidadão com algum status social podia ser habitante da cidade em que nasceu e ter outra cidadania; essa prática era comum, e muitos empregavam o nome greco-romano ao nome judaico.

Benjamin<sup>3</sup> era a tribo israelita a que Paulo pertencia, tida como a mais importante da época. Estudos revelam que o nome Saulo lhe foi atribuído por conta dessa tribo, porque Saul era o nome do primeiro rei de Israel. O próprio Paulo se denominava como um membro benjaminita: “Fui circuncidado ao oitavo dia, sou da raça de Israel, da tribo de Benjamin, hebreu filho de hebreus; quanto à observância da Lei, fariseu” (FL 3.5-6).

Pouco se sabe sobre a família de Paulo; seus pais eram fariseus com ascendência judaica. Por ser um poliglota, dominava os idiomas hebraico e aramaico, os idiomas utilizados em Israel, porém a língua que usava com mais frequência era o grego. Segundo os escritos dos Atos dos Apóstolos, Paulo aprendeu a fazer tecelagem e se dedicou a práticas de confeccionar tendas e coberturas, seguindo a sua família, os quais praticavam esse ofício com honra.

Pertencente à diáspora<sup>4</sup> em sua juventude, após ter recebido a formação em oratória, retórica, filosofia e educação religiosa e estudar os documentos hebreus, Paulo e sua família se mudaram para Jerusalém ante a preocupação de seus pais com sua formação intelectual e religiosa, pois nessa cidade Paulo teria acesso a uma educação única. Em Jerusalém, por volta de 15 d.C., Paulo estudou em uma escola com doutrina de fariseus, sendo orientado por Gamaliel, um rabino fariseu de renome. Ao longo dos Atos dos Apóstolos, Paulo de Tarso afirma: “Eu sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas educado nesta cidade, instruído aos pés de Gamaliel segundo a verdade da lei de nossos pais, zelador da lei, como vos também

---

<sup>3</sup> O Estado Hebreu, doravante chamado Israel. De acordo com a tradição judaica, tem suas raízes históricas na família de Abraão. Jacó, neto de Abraão, teve um total de doze filhos e dez desses filhos herdaram uma parte da região de Israel. Benjamin era um dos filhos que recebeu uma porção de terra. Cada filho cresceu, se multiplicou, formou e liderou sua tribo em seu respectivo território (DOS SANTOS, 2016).

<sup>4</sup> Diáspora é a situação em que um judeu se encontra quando precisa se deslocar de seu território, obrigatoriamente ou não (MONTEIRO, 2007).

o sois hoje” (At.22.3). Nesse período ele era uns dos mais novos da turma, rodeado de jovens e homens com mais “idade e experiência”, porém se destacava por ser um discípulo dedicado e interessado, por não apenas estudar e decifrar as leis, mas interpretá-las com exatidão. Murphy O’connor (2009) enuncia que Paulo tomou para si a perspectiva do rigor da lei, que era severa com os adversários; quem optasse por seguir Messias automaticamente estava contra os ofícios da lei seguida pelos judeus. Deve-se considerar que a perspectiva dos fariseus a respeito da religiosidade era outra. Dos Santos Pedrosa (2015, p. 67) assevera que junto a Gamaliel Paulo aprendeu a:

Ter cautela e moderação, o que no seu caso traduzia-se em profundo zelo pelas coisas de Deus, zelo este que culminou em perseguição acirrada aos adeptos da “seita” de Jesus, por eles considerados inimigos da verdade do judaísmo. Assim, agia por pura convicção, acreditando estar atuando em nome de Deus.

Paulo de Tarso foi disciplinado em conformidade com a precisão da lei de sua antiga geração; foi severamente extremoso e disciplinado na prática das leis hebraicas. Os escritos dos Atos dos Apóstolos revelam que Paulo, ao ser devoto das leis e da religiosidade, agia com violência, atingindo os seguidores de Cristo de forma física e psicológica. A intolerância religiosa foi uma constante por ele realizada durante muito tempo de sua vida. Sentindo-se motivado a rebaixar e humilhar os cristãos, Paulo de Tarso usava o artifício da lei como aliado.

Murphy O’connor (2009) informa que não há escritos que comprovam se Paulo era mandado a perseguir os seguidores de Jesus de Nazaré; ele os caçava e os perseguia por vontade própria. Ele mesmo se intitulou como um perseguidor: “Muitas vezes, castigando-os por todas as sinagogas, obrigava-os a blasfemar; e, enfurecendo-me mais e mais contra eles, perseguia-os até nas cidades estrangeiras” (At 26.11). Com essas informações, pode-se inferir que Paulo não respeitava nem ao menos as sinagogas, lugares de suma importância para os hebreus.

Um dos fatos que marcou sua vida como perseguidor foi quando Paulo se tornou um dos responsáveis pela morte de Estêvão. Este homem foi um dos colaboradores para que o cristianismo primitivo fosse propagado, sendo um dos sete escolhidos pelos discípulos, encarregado de zelar das viúvas dos santuários, entretanto, além disso, se dedicou ao processo de evangelizador cristão. Por esse e

outros motivos, Estêvão obteve destaque dentro do cristianismo, chamando a atenção dos judeus. Acrescente-se a isso a exortação de Estêvão de que Jesus se encontrava ao lado direito de Deus: esse diálogo gerou grande aborrecimento por parte dos judeus, que logo lhe tiraram da cidade. Esse ocorrido é descrito também por Lucas nos Atos dos Apóstolos.

Tendo-o lançado fora da cidade, o apedrejaram; as testemunhas depuseram os seus vestidos aos pés de um Jovem chamado Saulo. Apedrejaram Estêvão, que orava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. E, posto de joelhos, clamou em voz alta, dizendo: Senhor não lhes imputes esse pecado. E, tendo disso, adormeceu no Senhor. Saulo era cúmplice da morte de Estêvão (At 7.58-60).

Depois da morte de Estêvão, a opressão contra as igrejas de Jerusalém aumentou significativamente. Por volta de 32 d.C., Paulo e seus companheiros, na procura de prender e/ou castigar os hebreus conversos, encaminharam-se para Damasco com autorização do sumo sacerdote. Entretanto, segundo a tradição cristã, no meio da estrada avistaram uma luz um resplandecente, porém, apenas Paulo, de acordo com essa mesma tradição, teve a possibilidade de enxergar e ouvir o próprio Cristo: os outros apenas avistaram a luz, mas nada ouviram. Essa grande luz intensa o deixou temporariamente cego. No relato de Lucas, contido nos Atos dos Apóstolos, imediatamente Paulo questionou: “Quem és tu, Senhor?”, e Jesus respondeu: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (At 9. 1-19). Em continuidade à narrativa cristã, Jesus solicita que Paulo conclua seu caminho até a cidade de Damasco, pois lá encontrará algumas respostas. Nessa narrativa, Paulo foi convertido por uma ação direta do próprio Cristo, e não por um ato de vontade própria: Cristo teve um posicionamento para que acontecesse uma restauração interior na vida de Paulo de Tarso. Gonçalves (2007, p. 16) assim sintetiza essa conversão:

[...] aconteceu em pleno meio-dia. Paulo viu a Jesus em toda sua glória e majestade messiânicas. Não se tratava de mera visão, pois ele classifica o fato como a última aparição do Salvador a seus discípulos, e o coloca no mesmo nível de sua aparição aos outros apóstolos. Sua declaração é clara e inequívoca. Não foi um êxtase, mas uma aparição real e objetiva do Cristo ressurreto e exaltado, vestido de sua humanidade glorificada. Paulo convenceu-se de imediato de que Cristo não era um impostor.

Naquele momento ficou claro, na perspectiva da narrativa, que Paulo teve outra compreensão da vida, e depois desse acontecimento passou a seguir a Cristo e não mais perseguir seus seguidores. No êxtase da visão, conforme Lucas, Paulo acreditou que teve a oportunidade de enxergar o próprio Cristo, afirmando que o ocorrido não foi mera alucinação, mas sim uma aparição divina.

Quando em Damasco, novas narrativas Lucas fez sobre Paulo. Através de uma visão, Cristo deu a um de seus discípulos, de nome Ananias, uma importante missão: ir à busca de Paulo para curá-lo da cegueira. Confuso, Ananias comentou o que sabia acerca de Paulo, dizendo que era um homem que vivia a perseguir e prender os cristãos. No entanto, Jesus ordenou: “Vai, por que este é um instrumento escolhido por mim para levar o meu nome diante das gentes, dos reis e dos filhos de Israel” (At 9. 15). Ananias seguiu então os comandos, e chegando ao local solicitado, encontrou Saulo, pôs as mãos sobre seus olhos e disse: “[...] O senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, enviou-me para que recuperes a vista e fique cheio do Espírito Santo” (At 9.17). Naquele instante, as escamas dos olhos de Paulo caíram sobre a terra.

Marques (2011, p. 11) salienta que nesse momento, na vertente cristã, “O encontro com Jesus desarticulou o conúbio de forças negativas [...] fazendo-o cair em si e dar início à missão que lhe tinha sido destinado desde antes do seu nascimento”. Desde então, Paulo foi curado e compreendeu que sua missão começaria, deveria levar a palavra de Cristo aos que não eram cristãos, ou seja, para aqueles que chamava de pagãos.

Paulo continuou em Damasco com um propósito diferente: iniciou as pregações a favor de Cristo. Sua ação confundia os judeus que ali estavam, os quais, enfurecidos, resolveram aniquilar aquele novo apóstolo que havia surgido. De acordo com os escrito dos Atos dos Apóstolos, os discípulos ficaram sabendo da notícia e durante a noite colocaram Paulo no interior de um cesto e saíram da cidade, voltando para Jerusalém. Lá, Paulo de Tarso tentou se aproximar dos demais discípulos e da igreja, mas muitos duvidaram de sua restauração interior, não acreditando em sua conversão espiritual. O Ato dos Apóstolos narra da seguinte maneira a tentativa de aproximação de Paulo com os cristãos:

Tendo chegado a Jerusalém, procurava juntar-se com os discípulos; mas todos o temiam, não acreditando que ele fosse discípulo. Então

Barnabé, tocando-consigo, o levou aos apóstolos. Contou-lhes como tinha visto o Senhor no caminho, o qual lhe tinha falado, e como em Damasco pregara corajosamente em nome de Jesus. Desde então ficou com eles e Jerusalém, entrando e saindo, e pregando corajosamente em nome do senhor (At 9.26-28).

Na sequência da narração bíblica, Paulo iniciou sua missão de disseminar o evangelho resistindo às pressões e lutando para ganhar espaço como missionário. Corroborando Lopes (2009), Barnabé pode ser considerado um parceiro que contribuiu com Paulo para se inserir na congregação dos cristãos de Jerusalém, local que ele destruíra e posteriormente passou a cristianizar.

Em sua primeira viagem missionária como cristão, conforme o Ato dos Apóstolos informa, Paulo e Barnabé foram rejeitados pelos judeus, e por esse motivo passaram a evangelizar entre os gentios (povos que não eram judeus). Em meio a essa viagem missionária, segundo o mesmo Ato dos Apóstolos, ao visitar a cidade de Listra, Paulo curou um homem com deficiência física em uma de suas pernas, e tal cura impressionou as pessoas, que tomaram para si a ideia de que Paulo e Barnabé fossem deuses: “Eles trouxeram touros e grinaldas para oferecer um sacrifício, mas Paulo os impediu” (GONÇALVES, 2017, p.31). Paulo de Tarso e seu companheiro Barnabé se opuseram a tais sacrifícios, que eram populares na Grécia. Após esse acontecimento, o aborrecimento e a revolta ganharam espaço naquele local, por conseguinte, a população, juntamente a um grupo de judeus, os apedrejaram e os mandaram para fora da cidade.

Em continuidade a sua primeira viagem, Paulo e Barnabé integraram o Concílio de Jerusalém (que ocorreu por volta do ano 48 d.C.), cuja pauta da assembleia seria decidir o que fazer com os gentios convertidos; uma parte do Concílio optaram pela circuncisão, pois era o que a lei judaica estabelecia. Porém, Paulo de Tarso contraditou, e com a ajuda de Pedro argumentou que a salvação se dava pela graça de Jesus Cristo, e não pela circuncisão. A esse respeito, Ribeiro (2010, p. 55) expõe:

A decisão da assembleia em Jerusalém colaborou com a adesão dos gentios à nova fé, pois muitos tinham aversão à circuncisão. Sem a lei e sem a circuncisão, o evangelho encontrou mais fiéis dispostos a segui-lo entre os gentios, grupo para qual o apóstolo Paulo fora designado para propagar o evangelho [...].



A decisão do Concílio de Jerusalém pela iniciativa de Paulo de Tarso foi um grande passo para o alastramento do cristianismo, pois a circuncisão era sinônimo de abominação para os não cristãos. Além de Barnabé, Paulo de Tarso contou com ajuda de Sílas e Timóteo como colaboradores em suas missões, homens que o ajudaram a visitar as comunidades, fundar igrejas; Timóteo ainda foi colaborador na elaboração das epístolas paulinas.

As narrativas de Lucas revelam a realização de viagens missionárias com o propósito de espalhar a palavra de Cristo e dar uma formação cristã adequada a comunidades que necessitavam de mudanças na perspectiva de Paulo de Tarso. Após ter concluído essa jornada, por onde passava conquistava e ensinava os gentios, fato que enfureceu alguns judeus. Como exemplo, em uma viagem a Jerusalém, no ano de 59 d.C., Paulo “[...] foi ao templo durante a festa judaica de pentecostes. Depois dos sete dias de purificação, Paulo foi reconhecido na multidão, que o acusou de ter introduzido um gentio na parte do templo reservado aos judeus [...]” (RIBEIRO, 2010, p.5 *apud* MURPHY-O`CONNOR, 2004, p.229). Os judeus ficaram enfurecidos e movidos pela fúria, e queriam de todas as formas persegui-lo e matá-lo.

Por conta desse acontecimento, autoridades romanas o mantiveram preso na cidade de Cesareia por um período de dois anos, mas mesmo preso Paulo de Tarso continuou sua atividade evangelizadora.

Paulo de Tarso sabia que se fosse mandado para Jerusalém morreria, então resolveu usufruir de seus direitos romanos para ser julgado. Atendida sua reivindicação, seguiu em destino a Roma. Pena (2012, p. 41), fundamentado no próprio Paulo de Tarso, relata acontecimentos dessa viagem:

Era novembro. O vento nordeste, o aquilão de inverno, temido por todos os navegadores, começa a soprar com intensidade. Contrariando os avisos experimentados de Paulo, para aportar em Creta, no abrigado porto de Gortina, o piloto segue precipitadamente a sua rota contornando a ilha para evitar os ventos contrários que sopravam da costa asiática e o navio é apanhado por uma violenta tempestade.

A viagem foi conturbada, inclusive com o encalhamento do navio. Paulo de Tarso, enfim, chega a Roma, mas logo em seguida foi preso em regime domiciliar, tendo a oportunidade de continuar pregando o evangelho, momento em que começa a escrever as epístolas paulinas.

Murphy-O'Connor (2004) relata que Paulo de Tarso, depois de ter recebido sua liberdade temporária no ano de 61 d.C., fez, mesmo que sem registros, outra viagem missionária. Todavia, no ano de 65 d.C., ao saber que Nero perseguia os cristãos, se deslocou a Roma e tomou a frente para defender os fiéis. Ainda segundo Murphy-O'Connor (2004, p. 247), essa ação teve consequências:

Por volta de outubro de 67 d.C. foi novamente levado perante o magistrado. Mas desta vez a sentença foi contra ele [Paulo]. Bastava o fato de admitir ser cristão. Nero tinha criado o sinistro precedente de considerar culpado qualquer suspeito de ser cristão, e a pena era a morte.

Ribeiro (2010) assinala que inexitem fontes que comprovem o local em que Paulo morreu, mas segundo a tradição cristã, ele foi morto a três milhas de distância de Roma.

Essa foi a vida de Paulo ou Saulo de Tarso, que exerceu grande influência no cristianismo primitivo. Suas exortações e ensinamentos para a formação do homem "ideal cristão" estão eternizados até hoje por meio de suas epístolas, conhecidas e utilizadas pelo mundo cristão.

### **3- AS COMUNIDADES PAULINAS ENQUANTO LOCAL DE FORMAÇÃO DOS CRISTÃOS**

O cristianismo se fez presente na humanidade de um modo considerado original, visto que os conceitos que propagava se referiam a novas concepções do ser humano e de onde este se inserido. Essa doutrina cristã reestruturou um novo padrão humano, orientando as maneiras de agir diante da sociedade.

Conforme seu corpo doutrinal, Deus é unitário, tido como a única fonte de certeza e sabedoria. Seus adeptos professam a fé em Cristo como filho de Deus e salvador da humanidade, e por meio dele procuram conseguir alcançar o reino dos céus. A igreja primitiva e/ou comunidade cristã primitiva era o espaço privilegiado para o encontro com Cristo; sendo assim, era nesse espaço que se encontravam os ensinamentos desejados, que se possibilitava a nova cidadania, a condição de cidadão do céu (PEREIRA MELO, 2001).

Paulo de Tarso compartilhava desse pensamento, o que pode explicar as suas exortações com o ato de educar, ou seja, o cristianismo se tornou também uma prática pedagógica. Esse evangelizador não criou uma “escola”, porém pode-se pontuar que sua tarefa foi transmitir ensinamentos, formar os convertidos à nova doutrina, mesmo que de modo informal.

Em suas jornadas evangelizadoras, passou por cidades e culturas distintas, frequentando lugares como Filipos, Tessalônica, Beréia, Atenas, Corinto e Macedônia. Muitas dessas viagens foram definidas por conflitos, acasos, dificuldades de locomoção e principalmente intolerância. Ao realizar essas missões evangelizadoras, Paulo de Tarso ficou conhecido como “apóstolo dos gentios” pelo fato de disseminar a palavra de Deus, que denominava como a “boa nova” entre aqueles que não conheciam a nova doutrina.

Em consonância com Pesce (1996), as suas missões apostólicas ocorreram em duas importantes fases. Na primeira, se dirigia até seu público alvo e começava a evangelizar oralmente em todos os momentos em que tinha oportunidade, e considerava essa prática de suma importância, uma atividade que promovia a fé, pois em seu entendimento era ali que Jesus se manifestava. Depois de realizar essa atividade apostólica, organizava uma igreja e/ou comunidade cristã naquele local. “É essencial dar-se conta que a evangelização provocava como seu efeito necessário, a fundação de uma comunidade de crentes” (PRESCE, 1998, p.23). A outra fase ocorreu após a fundação das igrejas/comunidades, na qual Paulo de Tarso, com o objetivo de orientar as comunidades a seguirem “a boa nova”, enviava as epístolas por ele redigidas.

Nessa direção, as missões evangélicas eram seguidas de epístolas produzidas por ele e por visitas físicas a determinadas comunidades com a finalidade de propiciar a esse grupo de pessoas uma formação e/ou orientação mais afetiva. Paulo de Tarso levava consigo um discurso moralizante para a comunidade com o objetivo de formá-la de acordo com a doutrina da fé cristã e adaptá-la a viver na vida cristã exemplar, tendo Cristo como modelo. Daí a sua exortação para a comunidade viver em fraternidade e exercitar a autodisciplina na vida devocional.

Essa ação paulina moralizadora para as igrejas primitivas tinha por fim apontar caminhos de como o cristão deveria agir. Em sua perspectiva, para conseguir alcançar o reino de Deus, a fé era instrumento de conhecimento. Amaral e

Pereira Melo (2016, p. 2) reportam que Paulo de Tarso pretendia formar os homens fortes espiritualmente:

[...] o cristianismo nascente construiu sua proposta, em que Paulo de Tarso assume ação pedagógica, visando formar o homem sob “novos” moldes centrados no afeto, regulando seu comportamento a partir do padrão sagrado personalizado em Cristo, modelo perfeito a ser seguido.

Segundo os autores, Paulo de Tarso quis despertar no homem a necessidade de se espelhar em Cristo. De acordo com o cristianismo, somente Deus era perfeito, e como consequência, se o homem tivesse essa perfeição se tornaria ungido. Entende-se que o magistério paulino em seu recorte educacional formava o cristão no sentido de que devia ou não seguir caminhos éticos. “As “orientações” são breves proposições [...] que contêm objetivos, metas espirituais capazes de criar uma disposição interior que envolva unitariamente toda a existência e de inspirar o comportamento” (PRESCE, 1998, p.33).

Da Silva (2016) enuncia que, além de regras normativas, Paulo de Tarso objetivava encorajar as comunidades, impulsionando-as a viver seguindo e honrando a fé, e também dar-lhes conforto, uma vez que elas sofriam e também eram perseguidas.

Pereira Melo (2001) pontua que a educação cristã se distinguiu dentre as outras vertentes educacionais hebraica e clássica, pois Paulo de Tarso tinha finalidades, argumentos e motivos distintos para educar o homem, e tinha a necessidade de fazer esses indivíduos, em sua perspectiva, viver em pureza, abrindo os olhos dessas pessoas a negar as coisas que vêm do mundo exterior e terem equilíbrio em sua vida cristã. Nas palavras deste autor:

A originalidade dessa proposta educacional, fundada numa clara consciência de excelência e superioridade sobre os outros modelos educacionais, encontrou dificuldades no seu embate com a educação clássica: não apenas no que se refere aos objetivos e conteúdos próprios da *paideia* grega e da *humanitas* romana, mas sobretudo no que diz respeito ao conceito de educação. Assim sendo, uma educação nos moldes da greco-romana, possibilitadora do livre desenvolvimento da personalidade e posta a serviço da polis ou do Estado, tinha que representar estranheza e levantar suspeitas nos cristãos, visto se apoiar na capacidade humana, em vez de buscar o saber de Deus manifestado em Cristo, o que explica a negação do

cristianismo no conceito grego de *paideia* e da sua similar romana, a humanistas (PEREIRA MELO, 2001, p.104).

Desse modo, pode-se afirmar que para instrumentalizar esses cristãos, Paulo de Tarso usava o artifício do que mais tarde seria a paideia cristã, um sistema de ensino que visava ao ato de se inspirar em Cristo e formar-se por meio dele para ser santificado.

A esse respeito, Pereira Melo e Luz (2015, p. 3) esclarecem:

Paulo de Tarso o “apóstolo dos gentios” torna o cristianismo uma proposta pedagógica universal, que servia tanto ao judeu como ao grego, tanto aos escravos como a seus senhores, o que torna o cristianismo algo inovador, pois considerava a presença dos escravos e os igualava a todos os outros, considerando todos iguais perante Deus.

Sendo assim, pode-se assinalar que Paulo de Tarso introduziu uma nova concepção formativa ao cristianismo primitivo; trata-se de uma proposta doutrinal, por extensão, de caráter universal, dirigida a todos os homens, indistintamente de raça ou sexo.

### 3.1 A Evangelização como ponto de partida

A origem etimológica da palavra evangelho significa “boa mensagem”. Paulo de Tarso assumiu para si essa incumbência e sentiu a indispensabilidade de anunciar “as boas novas”. Assim, segundo ele, assume o papel de instrumento de Cristo.

Rezende (2015) declara que um dos aspectos fundamentais do fato de Paulo de Tarso ter optado por evangelizar foi acreditar no potencial da palavra, pois nos lugares que visitava e entendia estar em desacordo com o pensamento cristão procurava levar a “boa nova” de acordo com a sua visão, para redimir os cristãos daquele lugar. Dessa forma, era imprescindível criar laços de afeto e irmandade para se aproximar da população. Ainda corroborando o autor, o evangelho é a atividade que, pela qual, na perspectiva paulina, dava a oportunidade de desenvolver no homem o senso de humildade e santidade.

Em Paulo de Tarso, a “boa nova” passava pela descrição da vida de Jesus e suas obras, conforme fica explícito nessa sua exortação aos coríntios:

Declaro-vos, irmãos o Evangelho que vos preguei, o qual recebestes e no qual perseverais, pelo qual sois também salvo se o conservais como eu vo-lo preguei, exceto se tiverdes crido em vão. Porque, antes de tudo, ensinei-vos o que eu mesmo aprendi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, que foi sepultado, que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as mesmas Escrituras; que foi visto por Cefas e depois pelos onze; que a seguir, foi visto por mais de quinhentos irmãos por uma só vez, dos quais ainda hoje vivem e muitos e alguns já morreram; que, por último, depois de todos foi também visto por mim [...] (I Cor 15 1-8).

Com base nessa citação, Paulo de Tarso acreditava que o homem tem o dever de respeitar e seguir a “boa nova”, transmitida pela sua palavra, que mostrava a infinita bondade divina, bem como a verdadeira felicidade que é alcançar o reino de Deus.

### 3.2- As comunidades paulinas

Como se enunciou, Paulo de Tarso, em suas atividades apostólicas, criava comunidades para que a fé fosse fortificada. Machado (2012) define comunidade cristã como um conjunto de pessoas que necessitam de um sistema regularizado e que viviam como irmãos, em comunhão fraterna firmada na mensagem trazida por Cristo. Hackman (1993) informa que as comunidades no contexto primitivo, em geral, realizavam com frequência encontros domiciliares, local onde se faziam reflexões religiosas, louvor e hinos. As comunidades paulinas, conhecidas também como “família cristã”, tinham preocupações e costumes coletivos, isto é, todos eram tratados igualmente, não havia distinção social.

Nessas comunidades, questões de ordem judiciárias não eram levadas para fora das comunidades, todos eram tidos como irmãos e as pendências entre estes eram ali resolvidas, dispensando a justiça exterior.

A estrutura da autoridade nas comunidades primitivas de fé cristã, apreendida pela busca de conflitos nas comunidades pré-paulinas, paulinas e pós-paulinas e pela organização das competências técnicas locais e supralocais, que, embora formado um setor determinado da igreja primitiva, dá uma ideia de concepção da época, diante da estruturação normal que a igreja primitiva foi assumindo (HACKMANN,1993, p.61).

Ainda segundo Hackman (1993), os conflitos internos eram resolvidos por meio de conversas; quando necessário, era acionado um mensageiro ou algum delegado membro da igreja na procura de estabelecer um “bom estado” de convivência comunitária.

Além das resoluções de conflitos, a comunidade acreditava que quem exercia a autoridade era eleito pelo próprio Deus. De acordo com Machado (2012, p.22 apud R. Brown), “Pode-se perceber em Atos, uma linha continuativa de autoridade eclesial que partia de Jesus, porém, não se reduzia apenas a Ele. Segundo orientação doutrinal, essa autoridade foi concedida por Jesus, mediante o Espírito Santo, aos Doze Apóstolos, a Paulo de Tarso e a todos aqueles que de acordo com essa mesma orientação receberam o Espírito”.

[...] Paulo cita, entre seus colaboradores, os “profetas e doutores” e mais tarde, “pastores e doutores” (Ef 4,11), que compunham uma lista de serviços na igreja. Mas esses termos técnicos eram para designar os animadores e dirigentes locais, embora sem o significado pleno, expresso, mais tarde, com a palavra ministério (HACKMANN,1993, p.68).

Paulo de Tarso, em seu magistério, como se assinalou, contou com colaboradores que o acompanhavam em sua jornada evangelizadora. Destacam-se Timóteo, Silvano e Tito, seus grandes colaboradores. Para Machado (2012), esses colaboradores assumiram papel relevante: não exerciam autoridade, mas sempre quando necessário, interferiam ajudando a comunidade. O autor classifica esses colaboradores como intermediários, homens que ajudaram mediar comunidades cristãs.

Mesmo dedicando sua vida à atividade evangelizadora, Paulo de Tarso não dependia economicamente das comunidades por ele fundadas; seu sustento pessoal era mantido pela sua própria fonte de renda na produção de tendas. Tal afirmação é confirmada no livro Atos dos Apóstolos: “Como tinha o mesmo ofício, morava com eles e trabalhava (eram fabricantes de tendas)” (At 18,3). À vista disso, o artesanato favoreceu sua missão, uma vez que Paulo mantinha contato com pessoas de várias comunidades ao exercer seu ofício e, ao mesmo tempo, aproveitava para difundir a palavra na qual acreditava.

Apesar de seu idealismo cristão, Paulo de Tarso tinha consciência de que as comunidades apresentavam vários problemas, de ordem política, socioeconômica e

principalmente impasses religiosos. Muitos membros das comunidades se envolviam em conflitos, divisões, discórdias, condutas não desejáveis, sendo até mesmo indisciplinados. Tais acontecimentos, de certa forma, geraram em Paulo de Tarso um sentimento de desapontamento.

Os escândalos pecaminosos que envolvem a vida dos crentes contribuem para o enfraquecimento e, às vezes, para a deturpação da imagem da própria Igreja. Por isso, ela precisa ser como uma esposa “santa e irrepreensível” (Ef 5,27). Obviamente, reconhece-se apenas a perfeição de Cristo. Porque, humanamente falando, nem os esposos, nem as esposas, nem a Igreja instituição em si, são perfeitas. Contudo, deve haver uma valorização da santidade pessoal e eclesial dos cristãos, nas Igrejas cristãs (MACHADO, 2012, p.25).

Dessa compreensão paulina pode-se inferir uma dificuldade de entender que as comunidades eram formadas por pessoas comuns e não por “pessoas perfeitas”, o que remete a uma visão idealista, que requisitava homens santificados, não refletindo a realidade das comunidades, motivo de sua luta em tentar formar seres “santificados” à imagem de Cristo. Ou seja, precisava contemplar e principalmente ter Cristo como modelo para ser digno de receber a vida eterna.

### 3.3- As epístolas paulinas

Quando as viagens se tornavam difíceis e as visitas físicas inviáveis, Paulo de Tarso utilizou-se das epístolas para estabelecer contato com as comunidades formadas e consolidadas por ele. Esse modelo textual se diferencia do gênero carta, que tem como especificidade atender somente um destinatário; o gênero epistolar busca, em regra, atender a diversas pessoas.

Segundo Nunes (2017), as epístolas paulinas direcionadas aos Gálatas, I e II Tessalonicenses I e II Coríntos e aos Romanos, tidas como os principais escritos de Paulo de Tarso, tiveram, mesmo que não fosse a intenção, cunho didático. Essas epístolas foram umas das primeiras formas de ensino a distância, ou seja, os “alunos” e/ou discípulos não precisavam estar perto de Paulo necessariamente para serem “educados” em consonância com as tradições religiosas cristãs (NUNES, 2017).



De acordo com Armero (2009), as epístolas serviam para expandir a palavra. Pessoas importantes, como políticos e administradores, utilizavam desse recurso, pois era o meio de obter informações de modo mais preciso à época. Por esse motivo, as epístolas se tornaram indispensáveis.

Amaral e Pereira Melo (2011, p. 1) assinalam que as epístolas, em um primeiro momento, foram produzidas com a seguinte finalidade:

As primeiras cartas cristãs foram escritas para responder às exigências do momento. A carta no mundo helenístico tinha variadas formas e funções. As duas grandes categorias eram: privadas e não privada.

Desse modo, as epístolas foram idealizadas para disponibilizar às comunidades informações relativas a como agir corretamente, para que pudessem viver em harmonia. “As cartas paulinas foram instrumentos com fins eclesiais e formativos que buscavam promover a organização contínua, manutenção e formação das comunidades que, em sua maioria, haviam sido fundadas por Paulo de Tarso” (AMARAL, PEREIRA MELO, 2011, p.2). Ou seja, Paulo tinha a finalidade de realizar um trabalho direto com seus destinatários, atendendo às especificidades de cada comunidade. Armero (2009) aponta que:

Las Epístolas son, en muchos casos, la respuesta a preguntas planteadas por una comunidad en su nombre al autor inspirado, en muchos de los casos estas preguntas se pueden intuir en los desarrollos del libro. Estas cartas han sido escritas para responder, alentar, exhortar, reprender, enseñar, informar a las comunidades destinatarias. Como todos los escritos bíblicos tienen la particularidad de trascender su época y sus destinatarios, lo que hace que su mensaje, a través de una lectura contextualizada, [...]. Las Epístolas fueron concebidas, y por influencia del contexto socio-escritural, como circulares que se enviaron a una o varias comunidades (ARMERO, 2009, p.11)<sup>5</sup>

Entende-se as epístolas paulinas nas definições de Armero (2009), porque são significativas as questões que trazem sobre resoluções de conflitos, conselhos,

---

<sup>5</sup> A citação se traduz em: ‘As Epístolas são, em muitos casos, respostas a questões levantadas por uma comunidade para o autor inspirado; essas questões podem se intuir nos desenvolvimentos do livro. As cartas foram escritas para responder, incentivar, exortar, reprender, ensinar, informar as comunidades-alvo. Como todos os escritos bíblicos, têm a particularidade de transcender seu tempo e seus destinatários através de uma leitura contextualizada [...]. As Epístolas foram concebidas e influenciadas pelo contexto sócio-escritural como circulares enviadas para várias comunidades’.

orientações e preocupações. Paulo declara sempre seus propósitos na busca de respaldar a comunidade, na perspectiva de utilizar as virtudes cristãs, principalmente o amor como um elemento pedagógico.

Amaral e Pereira Melo (2011) consideram que a propagação da “boa nova” era, a princípio, realizada via método oral, seguida das epístolas. Nos termos do autor:

No início do cristianismo a transmissão era oral, a carta servia para substituir a comunicação oral. Os primeiros líderes das comunidades não eram pessoas iletradas, mas sabiam ler e escrever; entretanto, tudo que era escrito ainda fazia parte do âmbito da comunicação oral, pois destinava-se a leitura em voz alta, voltando-se assim a “literatura oral (AMARAL, PEREIRA MELO, 2011, p.1 apud KOESTER, 2005, p. 2).

Ou seja, as epístolas deveriam ser lidas em voz alta para que todos os membros das comunidades tivessem acesso à palavra. Sendo assim, pode-se afirmar que as epístolas facilitavam o trabalho de Paulo de Tarso, visto que uma mesma epístola conseguia ultrapassar as barreiras territoriais, vários ajudantes poderiam lê-las em diferentes localidades. Dessa forma, Paulo de Tarso alcançava um público maior.

Os ajudantes, ora pontuados, eram os mensageiros das próprias comunidades, que viajavam a mando de Paulo e mantinham-se por dado período no local estabelecido. Só depois de um tempo estes levavam as respostas oferecidas pela comunidade a Paulo (GADINI, 2015).

#### **4- UMA FORMAÇÃO MORALIZANTE AOS CORÍNTIOS**

Coríntios, a capital da província de Acaia, era conhecida por sua localização tática, e além de possuir dois pontos marítimos, era também o único caminho de terra que ligava as regiões norte e sul da Grécia, ou seja, todos entravam e saíam por aquela cidade. Sendo assim, muitos visitantes deslocavam-se até ali, e por essa razão a cidade de Corinto era forte economicamente, a comercialização era intensa. Os jogos que ali ocorriam contribuíam para atrair pessoas à cidade; essas

competições esportivas se equiparavam aos jogos Olímpicos de Atenas (BARCLAY, 1993).

A cidade também era conhecida por ser moralmente corrompida, seu prestígio moral e ético era comprometido. Ali, veneravam-se deuses como Apolo, que aceitava a homossexualidade, e Afrodite, deusa do amor, da beleza, e do sexo. Nos templos, era comum prostitutas exercerem suas práticas sexuais e nas ruas da cidade (BARCLAY, 1993). Esse quadro apresentado por Coríntio contrariava a visão de Paulo.

Nos Atos dos Apóstolos (At 18,1-4), consta que após ter saído de Atenas, em sua segunda viagem missionária, Paulo seguiu até Corinto e ali ficou por um ano e seis meses. Nesse período, contou com a ajuda de Àquila e sua esposa Priscila, que lhe ofereceram moradia. No tempo em que esteve em Corinto, Paulo se sustentava exercendo seu ofício e nos tempos livres anunciava a “boa nova”; assim, conseguiu formar uma comunidade cristã na cidade.

A proposta pedagógica de Paulo de Tarso adquiria cada vez mais importância, apesar de se constituir em um grande desafio, pois passava por suas visitas às comunidades, as quais eram complementadas por suas correspondências. De acordo com Barclay (1993), há evidências que comprovam que Paulo de Tarso escrevera seis epístolas direcionadas aos Coríntios, e não apenas duas. O autor acredita que devido ao tempo em que foram produzidas, muitas cartas se perderam, e até mesmo a organização das duas cartas conhecidas pode ter comprometido sua distribuição. Vale lembrar que, consideradas as peculiaridades da comunidade de Corinto, exigia de seu fundador cuidados especiais, o que justificaria esse suposto número de correspondências.

Sobre essa questão, Da Silva (2016, p. 30) expõe que:

A comunidade de Corinto era, pelas evidências, composta de pessoas simples e pobres, sobrevivendo numa grande metrópole. Não havia nesse meio, “muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos família prestigiosa” (1 Cor 1,26). Escravos participavam sem problemas (7,21). [...] passaram a formar o corpo de Cristo, “fossem judeus ou gregos, escravos ou livres”.

Paulo de Tarso, ao criar uma comunidade, teve ao seu redor pessoas de baixo poder aquisitivo; as classes sociais dessas pessoas eram desiguais. Entretanto, nessas comunidades todos eram considerados iguais, e o que importava

para Paulo era que essas pessoas deveriam ter uma formação que as aproximasse de Cristo, modelo a ser seguido. Era então necessário seguir os cristãos e deixar de lado suas práticas tidas como imorais.

De acordo com Sanford (2010), após a fundação da comunidade de Corinto, por volta do ano de 55 d.C., Paulo foi para Éfeso, em continuidade a sua ação missionária. E é nesse contexto que Paulo é informado que a comunidade de Corinto estava novamente com vários problemas, com uma grave dissensão interna, que dividia a comunidade, por interpretações conflitantes da própria organização e das lideranças locais. “Alguns continuavam nas práticas imorais do passado pagão. A comunidade reconhecia a situação, mas parecia não saber remedia-la” (MURPHY-O`CONNOR, 2009, p.176). Ou seja, muitas ações que as pessoas da comunidade estavam exercendo não estavam de acordo com os ensinamentos paulinos. Diante desse fato, Paulo de Tarso envia a primeira carta a essa comunidade na procura de solucionar esses problemas, para que voltassem a paz e a harmonia interna. Em sua exortação, pedia para que o corpo de Cristo não fosse dividido.

Em seu magistério conciliador, Paulo de Tarso questionava a divisão entre a comunidade, e mostrava que a comunidade pertence a Cristo, pontuando que sem essa orientação não estaria comprometida com a verdade.

Porque de vós, irmãos meus, me foi referido pelos (da casa) de Cloé, que há contendas entre vós. E digo isto, por que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo; e eu de Apolo; e eu de Céfás; e eu de Cristo (I CORÍNTIOS 1:11-12)

Paulo de Tarso não concordava com a divisão que fragilizava a comunidade. Barclay (1993) assim caracteriza essa divisão: “Os de Paulo” que eram os gentios em sua grande maioria; “Os de Apolo” eram alguns intelectuais da época; “Os de Cefás” eram alguns legistas; e “Os de Cristo” que segundo o autor foi uma expressão usada por Paulo para criticar as demais divisões. Este último queria uma unidade dentro da comunidade, ponderando que a criação de divisões não convém a sua proposta pedagógica, que visava todos juntos na busca da santidade, todos em uma comunhão universal e não em uma divisão maléfica e destruidora da própria comunidade.

Em meio a essa situação, em diversos momentos, Paulo nega o saber e a inteligência do ser humano e afirma à comunidade que a única fonte de sabedoria é a de Cristo.

Ninguém se engane a si mesmo; se algum dentre vós se tem por sábio segundo esse mundo, faça-se insensato para ser sábio. Por que a sabedoria desse mundo é Loucura diante a Deus, pois está escrito “eu apanharei os sábios na sua própria astúcia (I CORÍNTIOS 3:18-19).

Nesse versículo, Barclay (1993) acredita que Paulo está pedindo aos membros da comunidade se colocarem em seu lugar e se redimirem diante a Deus. Apregoava que a humildade precisava ser reestabelecida.

Outra questão da comunidade era que os cristãos estavam julgando outros cristãos. No sexto versículo da Primeira Carta aos Coríntios, Paulo busca enfrentar essa situação. De acordo com Barclay (1993, p.57), “Recorrer aos tribunais e em especial fazê-lo com um irmão, é cair abaixo do nível de comportamento cristão”. Sendo assim, Paulo de Tarso recomenda aos cristãos buscar resolver seus problemas e discórdias com alguém da comunidade. E pergunta: “É possível que não haja entre vós um homem sábio que possa julgar entre seus irmãos?” (I CORÍNTIOS 6:5). Em sua visão, as coisas teriam que ser resolvidas na comunidade, e não em um tribunal pagão.

Em conformidade com Sanford (2010), na cidade de Corinto eram muitos os deuses cultuados, para os quais eram feitos sacrifícios de animais. Parte da carne desses sacrifícios eram oferendas a deuses, e outra parte para venda. No sexto versículo da Primeira Carta aos Coríntios, Paulo de Tarso trata do consumo dessas carnes: “Quanto, pois, a comer carnes imoladas aos ídolos, sabemos que o ídolo não é nada no mundo e que não há outro Deus, senão um só” (I CORÍNTIOS 8:4). Paulo ressalta que nem todos se privaram de comer a carne no passado e ao comer novamente poderia haver um peso na consciência. Corroborando Sanford (2010, p. 35), Paulo conclui: “Se os coríntios não souberem a origem da carne, podem comê-la. Mas se eles souberem que ela foi previamente oferecida a ídolos, entretanto, por amor aos outros, eles devem recusá-la”. Paulo faz desse versículo um meio de levar os cristãos a tomarem decisões éticas, a pensarem no próximo e não somente em si; esse ensinamento aparece diversas vezes na carta dirigida aos coríntios.

Os ensinamentos presentes nas cartas de Paulo muitas vezes são resultantes de problemas de ordem doutrinária, e abordam também assuntos relacionados ao erotismo. Em diversos momentos, manifesta-se totalmente contrário a algumas práticas sexuais.

Destaca ainda que na comunidade há práticas contrárias aos ensinamentos cristãos, ou seja, enteados que relacionam com a madrasta. E na busca de purificar esses costumes, exorta: “[...] seja o tal entregue a satanás, para a morte da carne, a fim que o espírito seja salvo no dia de nosso senhor Jesus Cristo” (I CORÍNTIOS 5:5).

Posiciona-se também contra a prática sexual entre os que não são casados:

Qualquer pecado que o homem comete, é fora do corpo; mas o que comete fornicção, peca contra o seu próprio corpo. Porventura não sabeis que nossos membros são templo do Espírito Santo, que habita em vós, que vos dado por Deus, e que não pertencei as vós mesmos? Porque fostes comprados por um grande preço. Glorificai e trazei a Deus o Nosso corpo (I CORÍNTIOS 6:18-20).

Paulo quer afirmar à comunidade que o corpo é o templo de Deus, e precisa ser cuidado e principalmente guardado. Nesse sentido, posiciona-se a favor da virgindade: “Mas, se tornares mulher, não peaste. E, se uma virgem se casar, não pecou; Todavia estes terão atribuição da carne. E eu quisera poupar-vos (a ela)” (I CORÍNTIOS 7: 28); “Cada um, pois, irmãos, permaneçam diante a Deus no estado em que foi chamado” (I CORÍNTIOS 7: 24).

De acordo com suas cartas, Paulo de Tarso em nenhum momento critica o ato sexual, desde que seja com a esposa ou marido.

Quanto àqueles que estão unidos em matrimônio, mando, eu não, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido; e, se ela se separar, fique sem casar, ou reconcilia-se com seu marido. O marido igualmente não repudie a sua mulher (I CORÍNTIOS 7: 10-11).

Em meio aos seus ensinamentos, traçam com maior rigor a conduta que as mulheres precisariam adquirir:

Todo o homem que faz oração ou que profetiza com a cabeça coberta, desonra a sua cabeça. E toda mulher que faz oração ou que profetiza, não sendo coberta a cabeça, desonra sua cabeça por que é como se tivesse raspada. E, se é vergonhoso para a mulher cortar ou raspar o cabelo, cubra a sua cabeça. O homem, na verdade, não

deve cobrir sua cabeça, por que é a imagem e a glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem (I CORÍNTIOS 11: 4-7).

Na acepção de Sanford (2010), essa passagem bíblica deve ser interpretada de acordo com o contexto da época, pois naquele momento histórico as mulheres tinham os cabelos longos e quando estavam em público os tampavam com um véu. As mulheres que tinham os cabelos raspados, em regra, eram consideradas imorais, como prostitutas. Paulo enfatiza os padrões que a mulher de Corinto precisava seguir, os cabelos longos e os véus eram símbolo de proteção e não diminuição do papel da mulher.

Paulo de Tarso no versículo doze estabelece uma relação entre o corpo como totalidade e união:

Do mesmo modo que o corpo é um e tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, embora sejam muitos, são contudo um só corpo, assim é também Cristo. Com efeito, num mesmo espírito, fomos batizados todos nós, para sermos um só corpo [...] (I CORÍNTIOS 12: 12-13).

Paulo faz uma comparação entre o corpo e a comunidade cristã. O corpo, quando todos os membros cumprem os seus papéis, o corpo encontra harmonia. O mesmo acontece com a comunidade, quando seus membros cumprem os papéis que lhes foram destinados, a comunidade vive em harmonia. Em comunidade, todos são iguais, portanto, fazem parte de um mesmo corpo, logo, são importantes em um todo, nenhum é maior ou menor do que o outro. Desse modo, a comunidade teria que sempre cooperar em prol do todo, o amor e a caridade deveriam ser os laços de união da comunidade cristã.

A concepção do amor estrutura a proposta didática de Paulo de Tarso. A partir do décimo terceiro versículo de sua primeira carta, caracteriza o amor e/ou caridade como pressupostos primordiais para ser um bom cristão.

Em relação ao amor, Paulo de Tarso faz a seguinte exortação:

E ainda que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e tivesse toda a fé, até o ponto de transportar montes, se eu não tivesse caridade, não seria nada. E ainda que distribuísse todos os meus bens no sustento dos pobres e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, nada disto me aproveitaria (I CORÍNTIOS 13: 2-3).

No que diz respeito à caridade, afirma:

Agora, pois, permanecem três coisas: a fé, a esperança, a caridade; porém, a maior delas é a caridade (I CORÍNTIOS 13: 13).

Vigiai, permaneçei firmes na fé, portai-vos varonilmente e fortalecei-vos. Todas as nossas obras sejam feitas em caridade (I CORÍNTIOS 16: 14).

Entende-se que amor e caridade são características que norteiam a proposta de formação aos coríntios, para que tivessem a possibilidade de se “igualar” a Cristo. Assim, para o magistério paulino esses bens destacados são primordiais e estão intimamente relacionados e interligados, pois se o cristão amasse e realizasse boas ações, porém se não praticasse a caridade nada faria sentido, todas as ações realizadas seriam em vão.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a realização deste trabalho, conclui-se que Paulo de Tarso foi um dos grandes nomes do cristianismo primitivo, principalmente devido ao fato de ter levado o cristianismo para além das fronteiras da Palestina. Sua intervenção na formação e organização de comunidades requisitou uma ação de caráter formativo, tendo em vista a formação cristã dos membros dessas comunidades, ensinamentos válidos até os dias atuais.

Seus escritos são considerados relevantes para a formação cristã independentemente do tempo. Suas epístolas marcaram profundamente o cristianismo em seu tempo. A proposta de ensino paulino possui originalidade por seu conteúdo contribuir com a organização do pensamento cristão, o que explica a sua perenidade no tempo, e ainda ser presente no magistério da igreja cristã.

A preocupação de Paulo de Tarso foi sempre apontar Cristo como modelo e exemplo a ser seguido, a purificação desejada; como resultado, seria a santificação e a cidadania celeste. Há igualmente a preocupação de propor as comunidades uma formação de cunho moral e ético, orientando-a e exortando-a a se afastar dos comportamentos inadequados e imorais, visando sempre a uma boa conduta.

Em sua Primeira Epístola aos Coríntios, na busca de solucionar os problemas daquela comunidade, Paulo de Tarso se direciona de forma rígida, mostrando o quão estavam errados; em outros momentos, se mostrava entristecido com os



acontecimentos e ocasionalmente também escrevia com alegria. Esses escritos foram elaborados conforme a necessidade da comunidade, e assim manifestava e tentava resolvê-los da melhor maneira possível, sempre tendo em vista a perspectiva da “boa nova” trazida por Cristo.

Nesse sentido, mesmo não tendo desenvolvido uma pedagogia estruturada, Paulo de Tarso desenvolveu ações de formação fundadas no amor e na caridade que atenderam as preocupações para o seu tempo, e guardam perenidade, visto ainda ser presença ativa e vibrante no magistério cristão.

## 6- REFERÊNCIAS

AMARAL, Roseli Gall Amaral da Silva; PEREIRA MELO, José Joaquim. **O MAGISTÉRIO PAULINO EM ROMA: UM ESTUDO NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS NO SÉCULO**. Maringá, 2013.

ARMERO, Pablo. EN TEOLOGÍA, Licenciado. Introducción Crítica a las Epístolas Paulinas. 2009.

BARCLAY, William. **Corinthians**. 1993.

Bíblia Sagrada. **As Cartas de Paulo** (I). Tradução de Pe. Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

**Bíblia Sagrada**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1987.

DA SILVA, Valmor. **Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus!**: teologia paulina. Editora Paulinas, 2016.

DOS SANTOS PEDROSA, Edmar; KUNZ, Claiton André. O Contexto militar em torno do apóstolo Paulo. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 1, n. 1, 2015.

GADINI, Sérgio Luiz; KOSSAR FURTADO, Kevin Willian. Cartas cristãs como mídia comunitária: o que Paulo de Tarso pode ensinar sobre comunicação popular? **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, v. 22, n. 4, 2015.

GONÇALVES, Edson Poujeaux. **A vida de Paulo**: chamado para os gentios. Sep-Seminário evangélico de Patos, curso bacharel em Teologia. Patos, 2007.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. **Servir a Cristo na comunidade**: o ministério presbiteral em Edward Schillebeeckx. Edições Loyola, 1993.

LOPES, Hernandes. **Paulo, o maior líder do cristianismo**. Hagnos, São Paulo, 2009.

PEREIRA MELO, José Joaquim. A Educação Paleo-Cristã. **Revista Teoria e Prática da Educação**. Maringá: Vol. 4, nº 09, 2001, p. 97-109.

PEREIRA MELO, José Joaquim; LUZ, Matheus Moraes da. **PAULO DE TARSO E A UNIVERSALIZAÇÃO DO CRISTIANISMO PRIMITIVO**. Maringá: XIV Jornada de Estudos Antigos e Medievais , 2015.

MONTEIRO, Amilton Maciel. **Vocabulário bíblico**: nomes próprios que figuram na Vulgata conforme a tradução do Pe. Matos Soares, III Edição Paulinas, 1977. São José dos Campos: Univap, 2007.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo de Tarso**: história de um apóstolo. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

NUNES, César. **Ide, Ensina a Todos – Os 500 anos da Pedagogia Luterana**. Editora Concórdia, Porto Alegre, 2017.

PENA, Abel N. De Tarso na Cilícia à Roma Imperial: a educação de Saulo. Parte: <http://hdl.handle.net/10316.2/5621>, 2012.

PESCE, Mauro. **Dois fases da pregação de Paulo**. Edições Loyola, 1996.

RAMOS, José Augusto et al. **Paulo de Tarso**: grego e romano, judeu e cristão. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2012.

SAMPLEY, Paul. **Paulo no mundo greco-romano**: um compêndio. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.

VASCONCELLOS, Pedro Lima; FUNARI, Pedro Paulo A. **Paulo de Tarso**: um apóstolo para as nações. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.